

## HISTÓRIAS PARA UM CONSUMO CONSCIENTE: TRABALHANDO OS VALORES DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA COM CRIANÇAS

**Flávia Pimenta de Souza CARCANHOLO<sup>1</sup>**

Eseba/UFU

**Guilherme Saramago de OLIVEIRA<sup>2</sup>**

UFU

### RESUMO

Este trabalho é fruto de experiências relativas ao uso de histórias infantis como um meio fomentar valores/competências que desencadeiem atitudes para um consumo consciente e saudável. Origina-se de um projeto elaborado com uma turma de 18 crianças entre 5 e 6 anos de idade, da Escola de Educação Básica/ESEBA- UFU na qual tem a participação da professora regente e duas estagiárias do curso de pedagogia/Ufu, como alunas colaboradoras. O intuito de se trabalhar este tema da educação financeira desde a infância é em decorrência de uma preocupação com o comportamento das crianças cada vez mais manipulado pela mídia do consumo e estas perdendo os valores reais da vida. Estes permitem responsabilizar-nos por nossas ações, tomar decisões com coerência, resolver conflitos pessoais, não se subordinar a imposições alheias das quais nem temos consciência, ser autênticos, autoconfiante e críticos às diversas situações vividas, atitudes necessárias para uma educação financeira voltada para o consumo consciente. Utilizamos as histórias infantis como uma maneira de entrar em sintonia com as crianças, abordando temas complexos mas possíveis de serem compreendidos e vividos por elas e que dão suporte a questão da educação financeira hoje e no futuro. Como este trabalho trata de uma mudança comportamental, os resultados obtidos podem ser avaliados por meio da observação contínua dos alunos, bem como registro de falas, intervenções, reações, uma avaliação processual. Esperamos que este trabalho possa contribuir para um novo olhar da educação financeira na infância.

**Palavras-chave:** Educação financeira infantil. Construção de valores. Educação infantil.

---

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia; Psicopedagogia; Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Ufu, linha de pesquisa: Ciências e Matemática; professora de Educação Infantil na Escola de Educação da Ufu; [flaviapimentasouza@yahoo.com.br](mailto:flaviapimentasouza@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Educação, pelo programa de Pós Graduação em Educação da Ufu, professor de pós-graduação da Ufu, [gsoliveira@ufu.br](mailto:gsoliveira@ufu.br)

## 1 -Introdução

Ao abordar o tema educação financeira, as pessoas podem se remeter, a priori, ao dinheiro, isto é a finança propriamente dita. Talvez pensem até ser um tema estritamente para adultos, diante da complexidade do conteúdo que ele contém e até mesmo pela relação de poder que ele proporciona. Porém a cultura do uso do dinheiro, bem como do consumo, tem se tornado cada vez mais próxima do mundo infantil. Os pais, muitas vezes, conflituosos quanto à educação de seus filhos, se apropriam das sugestões de consumo, como brinquedos, vestimentas e guloseimas para compensar alguma falta afetiva. Como justifica Schor (2009):

As famílias, premidas pela escassez de tempo dos pais, submetidos a longas jornadas de trabalho, tornaram-se presa fácil para os marqueteiros, cujas pesquisas mostravam que os pais que passavam menos tempo com os filhos eram os que mais gastavam com eles. (Schor, 2009, p. 20)

Antes mesmo de pensar na infância e sua relação com o consumo é preciso primeiramente compreendê-la de maneira primária. Durante a infância as crianças necessitam de cuidados, amparo e assistência integral para o seu desenvolvimento físico, psíquico, cognitivo e emocional. Além disso, nesta etapa de vida a criança está em pleno processo de construção de sua personalidade, constituindo-se como pessoa dentro de um contexto social, adquirindo valores e se apropriando deles. Segundo DeVries e Zan (1998, p. 62) “a interação com companheiros, bem como entre adulto e criança, oferece o material bruto do qual a criança forma sua própria personalidade.”

Porém, o conceito de infância e de como as pessoas têm se relacionado com esta faixa etária tem sofrido transformações significativas influenciando a formação as crianças como seres sociais. A criança passou a ter mais vez e voz dentro do âmbito familiar e social, adquirindo poder de decisão nas aquisições da família. As crianças estão cada vez mais expostas à televisão e à Internet entre outros meios de comunicação e ficaram ainda mais vulneráveis e subordinadas às regras ditadas por empresas que se utilizam destes meios. Neste sentido, Schor alerta:

Crianças e produtos estão alinhados em um mundo grandioso e alegre, enquanto professores, pais e adultos habitam um mundo de opressão, banal, monótono, insípido e triste. A lição para as crianças é a de que os produtos, e não seus pais, são quem de fato estão ao seu lado. (Schor, 2009, p. 51)

Essa exposição excessiva aos valores materiais tem influenciado bastante no comportamento das crianças, podendo deixá-las com baixa autoestima, inseguras, depressivas, competitivas e ansiosas. Mais uma vez Schor (2009, p. 32 ) considera que “os psicólogos

apontam que estimular valores materialistas às crianças compromete o bem-estar, além de tornar os indivíduos ansiosos, deprimidos, com menor vitalidade e pior saúde física.

Conhecer o que consumir e ter uma consciência e um discernimento entre a necessidade ou o desejo, é algo complicado para uma criança em que as marcas de roupas e brinquedos determinam quem será bem-sucedido, quem está “por dentro”, quem terá amigos, se são pessoas legais ou espertas.

O que fazer diante desse perverso cenário? O que será dessas crianças, em meio a toda essa nova cultura do consumo quando forem adultas?

Uma maneira para que futuramente essas crianças ao se tornarem adultas tenham consciência do valor do dinheiro, bem como não percam de vista a formação de valores humanos, é pensarmos na educação dessas crianças hoje, como forma de prevenção. Proporcionar um ambiente crítico diante das imposições da mídia do consumo e trabalhar valores que sustentem a autoestima, a autoconfiança, autenticidade entre outros valores é um caminho. São formas de colaborar para o uso do dinheiro de forma responsável quando se tornarem adultos.

O lidar com as frustrações e saber esperar também é outro ponto importante para ser trabalhado já que, atualmente, o imediatismo tem sido um grande inimigo da tolerância. As pessoas estão cada vez mais acostumadas em não precisar mais esperar, planejar por certo tempo para conseguir algo. Tudo está sempre à mão, a começar pelos *fastfood*, fotografia digital, correspondência eletrônica, cujas respostas para tudo são imediatas. Ferreira (2007, p. 18) aponta que “investigadores acreditam que haveria uma única decisão primordial em nosso modo de operar, seja em que terreno for: se aguentarmos encarar situações frustrantes, ou se preferirmos fazer de conta que elas não existem”. Um trabalho educacional interessante para amenizar isso seria relacionado a valores e competências.

Os valores nos permitem encontrar sentido no que fazemos. Responsabilizar-nos por nossas ações, tomar decisões com coerência, resolver conflitos pessoais, não se subordinar a imposições alheias das quais nem temos consciência, ser autênticos, autoconfiante e críticos às diversas situações vividas. O discernimento dos valores é um processo individual e só quando a pessoa vivencia um valor é que este de fato existe para ela.

Este trabalho com formação de valores pode ocorrer em diferentes ambientes nos quais a criança se desenvolve: família, escola e comunidade. A família é ou deveria ser a melhor escola da vida, porque transmite na intimidade do lar, por contágio. Cabe a ela as funções educativas desde o nascimento por meio de exemplos vivos na construção de caráter e valores, configurando o “tornar-se pessoa” de cada filho.

Mas como nem sempre isso é possível de acontecer por diversos fatores que não cabe aqui discorrer, a família precisa e pode contar com outra parceria na educação de seus filhos: a escola. Moreno concorda dizendo que:

A educação escolar tem de fortalecer a autonomia dos alunos diante das mensagens do meio social: ensiná-los a interpretar a informação com critério pessoal e espírito reflexivo e conseguir que aprendam a utilizar os meios de comunicação sem se deixarem manipular, seduzir ou serem utilizados por eles. Essa postura consiste no estabelecimento de um diálogo com os meios de comunicação com base na educação em valores. (Moreno, 2005, p. 282)

O ambiente escolar é o espaço social que vem após a experiência familiar. A escola é a grande parceira da família, querendo ou não, visto que as crianças passam grande parte do seu dia nela. Ela tem uma função socializadora, cabe-lhe a explorar e trabalhar não apenas conhecimentos adquiridos pela sociedade ao longo dos anos, mas também, valores e competências nos quais são inerentes ao convívio e às vivências que ocorrem na escola.

Para que esses conceitos não fiquem “soltos” apenas diante das conversas e que sejam vivenciados com criticidade, é importante criar uma estratégia de ensino de forma que garanta o trabalho por todos os professores que estão envolvidos diretamente com os alunos. Uma estratégia interessante e que atinge as crianças mais profundamente é a *Contaçãõ de histórias*. Elas têm um caráter lúdico e, de forma gostosa e envolvente, pode trabalhar diversos temas importantes e de fácil compreensão pelas crianças.

Por meio das histórias é possível entrar em sintonia com a criança, e de acordo com as palavras de Bettelheim (2007) a história para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajuda-la a desenvolver seu intelecto e tornar clara suas emoções, estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações, reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Como nos contos os personagens não têm nomes próprios, isso facilita as projeções e identificações, são chamados de irmão, irmã, pai, rei, madrasta... Dessa forma a criança pode atribuir uma compreensão e transposição das histórias para sua vida real. A criança confia no que o conto de fada diz porque a visão de mundo aí representada está de acordo com a sua.

O conto de fada sugere respostas, soluções. Deixa a fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que história revela sobre a vida e a natureza humana. Ele ajuda a consolar a criança melhor que um adulto.

## **2 -Problemas e questões**

Diante deste tema abordado uma questão chave norteia este trabalho: Qual a contribuição que as histórias infantis podem ter no trabalho da construção de valores para um consumo saudável e educação financeira com crianças? Além desta questão outras são necessárias para dar suporte ao trabalho, como: É possível realizar um trabalho de educação financeira com crianças? Como este trabalho pode ser realizado? Existe uma estreita relação entre valores e educação financeira?

### **3 -Objetivos**

Os objetivos gerais deste trabalho visa proporcionar por meio das histórias um ambiente crítico diante de situações próprias da vida real, atrelado as suas vivências cotidianas. Ao mesmo tempo, temos o objetivo de trabalhar histórias com conteúdos ligados a valores e competências. Estes darão suporte a discussões que sustentem temas como: a autoestima, a autoconfiança, autenticidade, lidar com frustrações, ansiedade entre outros valores que estão intimamente ligados ao trabalho de consumo consciente e educação financeira, abordados anteriormente.

#### **3.1 -Objetivos específicos:**

- Integrar valores no cotidiano das crianças;
- Proporcionar às crianças instrumentos para que possam responder com equilíbrio às distintas situações que irão confrontar em sua vida;
- Favorecer situações que potencializem as crianças a tomarem atitudes mais seguras, autônomas, sabendo lidar com frustrações e ansiedade;
- Possibilitar discussões que ajudem as crianças a tomarem suas próprias decisões.
- Promover conversas em que o consumo saudável seja abordado;
- Envolver a família nas discussões deste trabalho como uma parceira para o desenvolvimento da criança.

### **4 - Metodologia**

Este relato é fruto de um projeto realizado com uma turma de 18 crianças, entre 5 e 6 anos de idade, do 2º. Período da Educação Infantil, da Escola de Educação Básica/Ufu. Ele conta com a participação da professora e de duas estagiárias do curso de pedagogia, como alunas colaboradoras do projeto. Este está vinculado ao Sisgrad/Ufu, (Sistema da Pró-reitoria

de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia) no IV - Subprograma Educação Básica e Profissional.

Para a realização deste projeto, considera-se mais adequado utilizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, que se configura em seu ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como o principal instrumento. Como dizem Lüdke e André (1986, p. 12) “a justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto.”

A metodologia qualitativa ainda, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 12), considera que “a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.”

Além disso, utilizamos como estratégias para coleta de dados a observação participante, entrevista com crianças e grupo focal com os pais dos alunos. No caso da observação participante, consideramos sua importância devido ao vínculo da professora/idealizadora do projeto com os alunos, sendo algo significativo.

De acordo com Viana (2007, p. 50) “uma das vantagens da observação participante é a de que, com seu próprio comportamento, é possível ao pesquisador testar suas hipóteses por intermédio da criação de situações que normalmente não ocorreriam”. Este mesmo autor (2007, p. 55) ainda reforça a importância sobre a observação participante ao dizer que:

O pesquisador precisa saber ouvir para, por intermédio das crenças expressas, dos pensamentos apresentados, dos sentimentos demonstrados e dos valores revelados, compreender a lógica subjacente aos conteúdos das percepções (Viana, 2007, p. 55)

Sendo assim, as observações foram realizadas tanto para que fosse possível realizar um diagnóstico inicial que evidenciassem as atitudes dos alunos diante de uma atividade de intervenção, quanto no transcorrer das aulas, em diversas situações. Dessa forma, inicialmente realizamos um diagnóstico para conhecer um pouco do comportamento dos alunos em relação a ansiedade, a tolerância e a lidar com frustração aplicando atividades individuais e coletivas. Estes comportamentos estão diretamente relacionados ao modo como a pessoa lida com o consumo, como já relatado na introdução deste trabalho, foco deste estudo.

Fizemos duas atividades individuais. Em uma delas era oferecido a criança um chocolate que poderia ser consumido imediatamente, mas era dada a oportunidade de receber mais um chocolate se ela conseguisse esperar por alguns minutos. A outra atividade consistia em empilhar 10 blocos de madeira de modo que ficassem empilhados sem cair. Poderia tentar

quantas vezes achasse necessário. E uma terceira atividade foi realizada de maneira coletiva: a tradicional brincadeira Dança das cadeiras.

Todas as três atividades foram registradas em forma de notas de campo pela pesquisadora e estagiárias (alunas colaboradoras) de forma a analisar como cada criança reagiu com relação a ansiedade, paciência, tolerância, lidar com frustração, persistência, iniciativa entre outros aspectos que são inerentes ao comportamento.

Foi possível perceber uma heterogeneidade de comportamentos entre as crianças e que estes de certa forma, compactuavam com suas atitudes em outras situações, por exemplo, a criança que ficou ansiosa em esperar o próximo chocolate, cheirando-o, lambendo-o e depois assoprando para esconder o contato com o doce, revela atitudes semelhantes no cotidiano escolar, como ansiedade, dificuldade com a espera e muitas vezes ocultando ações que socialmente são inadequadas. Por outro lado, uma outra criança que ficou quieta, a espera do momento em que a professora lhe traria mais um chocolate, também demonstra atitudes “socialmente corretas” de um “bom comportamento”, agindo como os adultos gostaria que ela agisse.

Na atividade de empilhar blocos, esta comparação com o lidar com frustração (ao ver os blocos caindo sempre); a persistência e paciência em tentar novamente empilhar os blocos; a concentração para tal ação; a ansiedade em perceber que sua ação não obtinha o êxito desejado, foram atitudes possíveis de serem observadas e que poderiam fazer uma analogia com as atitudes observadas em demais situações surgidas no cotidiano. E finalmente, na brincadeira coletiva da Dança da Cadeira, podemos ver outras atitudes, nas quais reforçam as demais já relatadas, como impaciência, falta de iniciativa, competitividade, frustração, aceitação da perda entre outras.

A partir dessas atividades, conhecendo um pouco mais o grupo de alunos dos quais estávamos lidando, realizamos entrevistas com grupos pequenos de crianças sobre seu comportamento consumidor, seu conhecimento sobre os produtos no mercado e produtos naturais (utilizando gravuras) e quais eram seus sonhos e vontades. Esta entrevista foi realizada como uma roda de conversa, na qual todos poderiam falar, mas era garantida a participação de todos. Procuramos organizar grupos menores entre 5 e 6 crianças, para que a conversa não ficasse cansativa e nem perdesse o foco.

Após esta entrevista, percebemos que decidir entre *comprar* ou *brincar*, uma das perguntas realizadas, era algo que dividia a turma, informação esta que nos surpreendeu. Outro ponto relevante foi observar como os produtos do mercado, industrializados e suas marcas são bem mais familiares para as crianças em vista das frutas, legumes e verduras

(produtos naturais). Os sonhos (pedidos) que elas disseram ter estavam sempre aliados a algum bem de consumo, como brinquedos e justificavam sua necessidade pelo simples fato de não terem.

Para complementar o trabalho, realizamos um Grupo focal com as famílias, de modo que esclarecesse sobre o projeto desenvolvido e fosse possível ouvir os responsáveis pelas crianças sobre este assunto. De acordo com Gatti (2005) com o grupo focal:

É possível reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, com certo detalhamento e profundidade, não havendo necessidade de preparação prévia dos participantes quanto ao assunto, pois o que se quer é levantar aspectos da questão em pauta considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas (Gatti, 2005, p. 13)

A professora elaborou uma apresentação do tema, utilizando fotos, textos, vídeos e imagens de propaganda que aguçassem sobre a temática. Foram feitas discussões que claressem as ideias sobre o assunto para as famílias e alguns pais mostraram-se surpresos diante da problemática que tem sido o comportamento dos seus filhos, de maneira submissa a indústria do consumo desenfreado e manipulador.

Terminada esta etapa, iniciamos o trabalho com atividades de intervenção com as crianças para suscitar discussões acerca dos valores/competências atrelados ao comportamento consumidor. Estas atividades consistiam em histórias que provocavam temas para serem abordados com as crianças.

Foram histórias que desencadearam discussões sobre a diferenciação entre *ter* e *ser*; a cooperação e o planejar para conseguir algo, como paciência, organização, saber esperar...e valores como cooperação, amizade, simplicidade, entre outros. Em todas elas realizamos atividades de registro em sala e com a família para que compartilhassem este assunto em casa também. Algumas histórias contadas são de domínio público, como as fábulas e outras de algum autor específico o qual consta em nossas referências, tais como: “O príncipe sem sonhos; O leão e o ratinho; Os três porquinhos; A cigarra e a formiga; Filme: Lorax, em busca da Trúfula perdida; A árvore de Beto; Como se fosse dinheiro; No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos; Combustível para o corpo – conversando sobre alimentação e O dono da bola”.

Além da questão dos valores diretamente relacionados ao consumo consciente e educação financeira, a partir destas histórias outras frentes de trabalho foram desencadeadas complementando as demais, como: construção de brinquedos de sucata e bonecas de pano, elaboração e funcionamento de um mercadinho, pesquisa sobre alimentos saudáveis e

confeção de cartazes/propagandas para divulgar na escola o consumo destes alimentos, pesquisa com as famílias sobre brinquedos e brincadeiras que tinham quando eram crianças e análise de propagandas enganosas. Neste caso, nos embasamos em Delrieu (2008) que explica sobre a publicidade numa linguagem próxima ao entendimento das crianças:

Nem bem nem mal. A publicidade muitas vezes é divertida e dá informações sobre produtos, mas não se pode esquecer que seu objetivo é convencer as pessoas a comprar (ou a votar). Ela é apenas um “mensageiro”, o importante é o produto. Existe publicidade muito boa para produtos ruins, e vice-versa. O ideal é comprar um produto porque a gente realmente precisa dele, e não só porque a publicidade é engraçada. Tome cuidado: a publicidade deixa a gente com vontade de gastar dinheiro. (DELRIEU, 2008, p. 48).

Após as atividades de intervenção, fizemos novos diagnósticos para observar possíveis alterações no comportamento dos alunos quanto a ansiedade, lidar com frustrações, saber esperar, tolerância entre outros valores/competências que acharmos pertinentes. Porém algumas ressalvas sobre a avaliação deste trabalho são necessárias, e serão esclarecidas a seguir.

## **5 -Resultados**

Por este projeto se tratar de uma mudança comportamental, na construção de valores que possam influenciar no comportamento consumidor infantil, a avaliação precisa considerar as diversas variáveis presentes neste grupo de crianças.

As variáveis estão presentes na heterogeneidade da classe social dos alunos, na diferença de gênero, na idade das crianças que estão em pleno processo de desenvolvimento e sofrem influências do contexto social em que estão inseridas a todo o momento, no envolvimento dos pais e do grau de credibilidade que darão às atividades sugeridas, entre outras variantes que possam surgir. Afirmar que houve mudança de comportamento ou desenvolvimento por conta exclusivamente do projeto é prematuro e leviano. É de conhecimento das pessoas envolvidas neste trabalho, que a aprendizagem, bem como o desenvolvimento da criança acontece em decorrência a diversos fatores existentes no contexto em que vive, podendo sofrer influência deste projeto de diversas maneiras, algumas com mais intensidade e significado e outras com menos.

Por este motivo os resultados deste projeto podem ser obtidos por meio da observação contínua dos alunos, bem como registro de falas, intervenções, reações, na medida em que o projeto foi acontecendo, uma avaliação processual.

Um nível de medida considerado é a quantidade de horas de trabalho direcionado ao projeto, uma vez por semana. Por se tratar de uma sala de aula, em que a própria professora é

a mentora do projeto, é destinado algumas horas por mês para sua execução. Porém é válido considerar que os valores a serem trabalhados, não precisam e nem podem ser discutidos somente no momento da execução das atividades, isto é, eles surgem em diversos momentos no cotidiano escolar. São valores para a vida e serão sempre levados em consideração em diversas situações que eles manifestarem o interesse, sendo parte de um trabalho interdisciplinar.

Através de brincadeiras, intervenções, perguntas, simulação de situações do cotidiano, é possível avaliar uma mudança de comportamento, como o aumento ou não da ansiedade, insistência, tolerância a frustração... comparando suas reações no início do projeto e no final, após as atividades realizadas.

A participação da família é algo relevante, à medida que compreendem o intuito do projeto e reavaliam o comportamento consumidor da família, incluindo os filhos nas conversas, sobre valores morais, atitudes conscientes, sendo coautoras do projeto.

Em algumas situações são vistos resultados do nosso trabalho, como por exemplo: as crianças comentaram formas de mostrar que gostam de alguém *fazendo algo por ela*, em vez de comprar um presente (dia das mães); disseram que precisam *planejar* para construir uma casa se referindo na história dos Três Porquinhos; argumentaram o que poderiam fazer para *conseguir realizar* seus sonhos e de sua família. Também surgiram falas do tipo: *mesmo se não conseguir vou tentar novamente; tenho o sonho de ter muitos amigos; mesmo sendo pequenos podemos ajudar...*

Quando brincamos de mercadinho, também fizemos uma avaliação, visto que algumas crianças planejaram o que comprar, outras gastaram todo o dinheiro de uma só vez mas se sentiram satisfeitas e algumas crianças queriam comprar outras coisas mas o dinheiro havia acabado. Reflexões nesse sentido, procurando fazer uma ponte com o cotidiano delas e suas famílias, foram riquíssimas a ponto de reverem muitos conceitos. Um deles é de que para ir às compras ao supermercado é necessário antes fazer uma lista de produtos que acabaram em casa ao longo da semana, para que saiba o que realmente precisam comprar e não gastar o dinheiro todo com compras de impulso, faltando para os produtos mais importantes e realmente necessários. Por conta desta reflexão, as crianças juntamente com suas famílias realizaram esta lista de compras em suas casas e a levaram ao supermercado no dia das compras. Elas relataram que foi algo novo e importante pois conseguiram organizar melhor o dinheiro e os produtos, isto é, saber diferenciar o desejo da necessidade.

Sabemos que alguns valores e competências construídos na infância estão correlacionados com comportamentos adultos no futuro. Assim uma criança que aprende a

honrar compromissos como acontece na fábula *A cigarra e a formiga* e discute sobre essa atitude atrelando a vivências reais, pode se tornar um adulto que paga suas dívidas em dia. Da mesma maneira quando se trabalha a autenticidade e a autonomia moral para não ser influenciado passivamente pelas decisões dos outros, poderá ser um adulto que não se submeta a propagandas e compras por impulso.

Podemos concluir que esta experiência, pode ter um impacto no desenvolvimento da criança a longo prazo, ao pensar que atitudes e comportamentos construídos desde a infância, pode influenciar positivamente no futuro em um adulto que sabe se comportar adequadamente para um consumo saudável.

## 6 -Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. IN: **Metodologia da pesquisa educacional**. Org. Ivani Fazenda. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BETTELHEIN, B. **A psicanálise dos contos de fada**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2007.
- DELRIEU, A. **A publicidade**. Trad. Ruth Salles. São Paulo: Ática, 2008.
- DEVRIES, R; ZAN, B. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Trad. D. Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FERREIRA, V. R. **Decisões Econômicas: você parou para pensar?** São Paulo: Saraiva, 2007.
- FOOT, N. **Combustível para o corpo – conversando sobre alimentação**. São Paulo: Escala Educacional, 2012.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- MORENO, C. I. **Educar em valores**. Trad. M. L. G. Prada. São Paulo: Paulinas, 2005.
- ROCHA, R. **A árvore de Beto**. São Paulo: Moderna, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Como se fosse dinheiro**. São Paulo: Moderna, 2010.
- \_\_\_\_\_. **No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos...** São Paulo: Moderna, 2010.
- SCHOR, J. B. **Nascidos para comprar: uma leitura essencial pra orientarmos nossas crianças na era do consumismo**. Trad. E.H. S. Cabral. São Paulo: Ed. Gente, 2009.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUZA, S. **Eu preciso tanto!** São Paulo: Escala Educacional, 2009.
- VASSALO, M. **O príncipe sem sonhos**. São Paulo: Brinque-Book, 1999.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Liber Livro editora, 2007.